



Resenha

MEDEIROS, M. M. de. *Construção da Figura Religiosa no Romance de Cavalaria*. Dourados: UFGD/ UEMS, 2009. 173 p.

MEDEIROS, M. M. de. Construction of the Religious Figure in the Chivalry Novel. Dourados: UFGD/ UEMS, 2009. 173 p.

**Melina Lima Pinotti
Danilo Leite Moreira**

Pesquisar fatos que ocorreram no passado não é nada fácil. Imagine, então, como é morar no estado de Mato Grosso do Sul e pesquisar sobre literatura medieval! O livro resenhado foi recentemente lançado pela Professora Doutora Márcia Maria de Medeiros, do curso de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)/ Unidade Universitária de Amambai. Trata-se dos resultados de sua tese de doutoramento em Letras e deve interessar, sobretudo, aos medievalistas, admiradores da História Medieval ou, até mesmo, aos apaixonados por literatura medieval. A autora possui graduação em História, pela Universidade de Passo Fundo UPF), mestrado em

História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Tem experiência de ensino, pesquisa e extensão na área de História, particularmente na História Cultural, envolvendo a Idade Média.

O livro *Construção da Figura Religiosa no Romance de Cavalaria*, publicado pelas editoras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e da UEMS, em 2009, tem formato pequeno (15,5 x 22 cm), acabamento em brochura, capa de cor vermelho escuro e 173 páginas. É dividido em quatro capítulos com textos concisos e que discutem as relações entre cultura popular e cultura

erudita na Idade Média.

No primeiro capítulo, intitulado *Religiosidade Medieval – A construção do arquétipo religioso*, Medeiros faz uma síntese sobre o fortalecimento da Igreja Católica e suas diversas fases para a consolidação de uma religião coesa e centralizada. Tal processo aconteceu após a queda do Império Romano, pois, segundo explica a autora, “[...] a igreja foi o grande agente de ligação entre o mundo antigo e o mundo medieval” (p. 23).

Ao longo do primeiro capítulo, a historiadora utiliza-se de renomados autores medievalistas, tais como Jaques Le Goff, Hilário Franco Júnior, dentre outros. Ao explicar o significado do homem medieval, percebe-se a construção do cotidiano dos homens comuns durante a Idade Média. A Igreja Católica influenciou na formação da sociedade e do imaginário medievais, uma vez que “[...], há que se salientar que a mentalidade medieval difere de tudo o que já se viu: trair um juramento feito sobre relíquias santas significava incorrer no pecado de felonía” (p. 42).

No segundo capítulo, intitulado *o Romance de Cavalaria na Historiografia Literária*, a autora mostra a produção mais recente a respeito da historiografia literária medieval. Sabe-se que as fontes são essenciais no trabalho de qualquer historiador e, nesse aspecto, Medeiros encontrou na literatura informações que muito dizem acerca do período medieval na Europa.

A tradição épica da literatura medieval é, simultaneamente, histórica e lendária (p. 65). Assim, por meio da literatura, é possível encontrar aspectos de determinado período, tais como os valores que são preservados pelo tempo, fazendo-se presentes no cotidiano atual. Uma obra literária não nasce de um dia para o outro e para que se possa produzi-la busca-se inspiração em mitos e lendas que vem sendo transmitidos de geração a geração. Por essa razão, é possível encontrar nos romances de cavalaria aspectos que são imemoráveis.

Na literatura medieval é possível encontrar o trovadorismo, estilo literário que surgiu na Idade Média, entre os séculos XI e XV. Tais composições épicas, produzidas durante esse período, trazem contos permeados por amores e lutas. Para a autora, é possível perceber “[...] que a cultura literária do mundo medieval tem em si marcada uma profunda relação entre a cultura tida como erudita (cristã, clerical) e a cultura popular (laica, folclórica)” (p. 91). Dessa forma, busca-se

encontrar aspectos da cultura popular e da cultura erudita nessas obras literárias e em suas personagens, como, por exemplo, Merlim e Melusina.

O terceiro capítulo é intitulado *O Merlim – A cristianização da cultura pagã através da literatura*. O próprio título revela ao leitor o objetivo do capítulo, característica da escrita da autora e que percorre toda a obra, ou seja, clareza e objetividade. O capítulo mostra como a mentalidade medieval interpreta o paganismo, representado por figuras míticas presentes na literatura, principalmente oriundas das tradições culturais celtas. Medeiros explica que o Cristianismo pregado e praticado pelos celtas estava mais ligado aos interesses espirituais, ao contrário de grande parte da Europa na época que tinha o Cristianismo ligado às questões políticas. Assim, defende-se que as marcas da cultura celta foram mais densas no mundo ocidental, influenciando a mitologia em torno da figura de Merlim.

Merlim é um mago, mas também interpretado como um profeta, pois sua mãe, ao se render às tentações do demônio que a desposa, termina por engravidar dele. Conseguindo sua mãe não ser condenada antes do nascimento de seu filho, Merlim nasce com poderes herdados de sua geração: de seu pai, o demônio, herda o poder de conhecer o passado e o presente; abençoado por Deus, pelo arrependimento de sua mãe, herda a sabedoria de prever o futuro. Tais características fizeram a personagem ser interpretada como aquele que representa o ambíguo. Sua dubiedade despertava inveja e desconfiança de alguns, ao mesmo tempo em que era conselheiro oficial dos reis, que nada faziam sem antes consultá-lo. Na figura de Merlim, portanto, estavam presentes o profano e o sagrado, dois lados de uma mesma moeda, já “[...] que olha para o passado com os olhos voltados para o futuro” (p. 110).

O romance de cavalaria *O Merlim* foi escrito entre os séculos XI e XII, por Robert Boron, e em sua análise a autora demonstra claramente por meio das personagens, a mentalidade do homem medieval, bem como a articulação entre o profano e o sagrado. Dentre outras passagens de Merlim no romance, a mais importante delas é a da sua relação com o nascimento do cavaleiro esperado, aquele que viria a ser o rei sagrado, Artur, com sua espada Excalibur, que assim como seu pai Uter, também teve o mago como conselheiro.

No capítulo IV, *Melusina*, ou das fadas medievais, a

Resenha

historiadora aborda como a figura da mulher era interpretada no medievo, descrevendo a mulher com seus atributos misteriosos de sedução e feitiçaria que se faziam presentes nas aventuras dos cavaleiros. A figura da mulher é enaltecida por meio da representação do feminino presente em passagens literárias que estão voltadas para o universo masculino, como a lenda da espada mágica de Artur. Compreende-se a relevância e o comando dos mistérios femininos representados nas mais diferentes esferas, seja por meio da magia, dos símbolos, da religiosidade ou do paganismo. As características dessas mulheres perturbavam o imaginário medieval, por serem dotadas de encantos, magias e feitiçarias. Essas possibilidades de manipulação dos acontecimentos davam a essas figuras uma representação demonizada, atribuindo ao feminino tudo o que era pecaminoso e satânico.

Nesse contexto se faz presente a lenda da fada Melusina, do romance *A História da Melusina* ou *O Romance dos Lusignan* escrito por D'Arras. A possível origem da obra é explicada no livro *Tratado de História das Religiões*, de Mircea Eliade, e acredita-se que Melusina surgiu nas tradições culturais celtas. Na análise do romance, a autora trabalha sobre os aspectos do imaginário medieval, revelando como a figura da fada era interpretada na época. Melusina era uma fada que, assim como Merlin, representava o profano e o sagrado, pois mesmo sendo boa, tramou contra o próprio pai e foi amaldiçoada por sua mãe. Dessa forma, em determinado dia da semana, Melusina incorporava a maldição, transformando-se em metade mulher e metade serpente, tendo que se ausentar dos olhos do esposo para que este nunca descobrisse sua sina. Melusina casa-se com Raimundo, um cristão que levado pela sua fé termina por amenizar a maldição da linhagem de sua esposa. Por muito tempo, Melusina conseguiu deixar prevalecer seu lado de fada, dando ao marido um reino e filhos homens que, mesmo nascendo com algumas imperfeições na aparência, eram fortes cavaleiros. A presença de uma fada na vida de um mortal proporcionava ao homem prazeres e uma felicidade que o mortal não adquiria sozinho. Tudo aquilo que pertencia a Raimundo, sua riqueza, sua prole era fruto de seu casamento com uma figura mágica, mas como característica comum de todo mortal, Raimundo tem suas fraquezas e desconfianças e termina por não

respeitar o pacto que tinha feito com sua mulher. Diante da fraqueza de Raimundo, a trama tem um desfecho diferente daquele normalmente atribuído a um conto de fadas.

A autora escreve sobre as obras de Deus no Universo, interpretando a fada como uma obra divina e que, ao mesmo tempo, possui inspiração do demônio, nas suas formas de sedução. Assim, se estabelece a relação de Deus com o todo, que compreende o Universo, até mesmo aquilo que é demonizado por certas práticas e, por conseguinte o próprio demônio. Mesmo as fadas beneficiando um mortal em vários sentidos, não eram figuras bem interpretadas pelo imaginário medieval, pois inspiravam desconfianças e também representavam o bem e o mal.

Ainda que casadas com mortais, não estavam completamente integradas ao mundo real, e atribuíam essa dubiedade aos maridos, que por sua vez, eram mortais que desfrutavam de uma riqueza conseguida pelo sobrenatural, fazendo com que isso de fato não lhes pertencesse. Para o imaginário medieval, as fadas eram figuras que representavam os sonhos, mas, também, de certa forma, faziam parte do real, sem se integrar a ele. Assim, fica marcado que o homem medieval não se preocupava apenas com aquilo que era real, pois havia muito mais coisas no Universo que não se explicavam por um fim em si mesmo.

Em sua pesquisa nos romances de cavalaria, Márcia Maria de Medeiros conclui que a cultura popular e a cultura erudita estão entrelaçadas, bem como o paganismo se manifesta no homem medieval para que depois, este, possa ser cristianizado. Tal aspecto se fundamenta na explicação da autora ao concluir que na cultura popular prevalece o paganismo e na cultura erudita o cristianismo, e se o profano e o sagrado se formam em um mesmo contexto, logo existe uma aproximação daquilo que é popular com o erudito.

Acredita-se que uma leitura mais apropriada da obra ocorrerá se o leitor for conhecedor da história ou da literatura medievais. Caso contrário, alguns conceitos poderão passar despercebidos ou até mesmo ser interpretados de forma errônea, tais como a inter-relação do profano e do sagrado, bem como a demonização, pelo imaginário medieval, de certas práticas femininas.